

DISCURSO JORNALÍSTICO EM MÍDIA IMPRESSA E FORMAÇÃO IDEOLÓGICA: A RESPONSABILIDADE DO REMETENTE NO PROCESSO COMUNICATIVO

Tiago Leal dos Santos¹

RESUMO: O processo de comunicação é algo em si complexo e atraente. Entender esta questão nos fará entender melhor o produto do processo que é a efetiva comunicação, ou seja, o entendimento entre remetente e destinatário. Este trabalho propõe uma análise das matérias-primas da comunicação escrita jornalística (texto e discurso) com o fim de desmistificar algumas posições sobre a linguagem “neutra” que muitos discursos jornalísticos insistem em afirmar existência. Ao se perceber a intrínseca argumentação discursiva, é que se consegue contrapor os discursos ditos neutros e assim perceber de maneira mais coerente a realidade que é, pois, influente e influenciada pelos discursos sempre ideológicos.

Palavras-chave: processo comunicativo, linguagem, discursos.

ABSTRACT: *The notification process is in itself complex and attractive. Understanding this will make us better understand the product of that process is effective communication, namely the understanding between sender and recipient. This paper proposes an analysis of the raw materials of journalism written communication (text and speech) in order to demystify some positions on the language "neutral" speeches that many journalistic insist on saying there. When you realize the inherent discursive argument is that if you can counter the speeches themselves neutral and therefore realize a more coherent reality, therefore, it is influential and influenced by ideological speeches ever.*

Keywords: *communicative process, language, words.*

INTRODUÇÃO

Em meio à vasta difusão de informações jornalísticas (fatos, dados de pesquisas, notícias, sendo estas verdadeiras ou mentirosas, etc.) que o homem moderno vem sendo alvo diariamente, entendemos que se faz necessário um estudo das informações-mensagens (textos e seus discursos associados) propagadas pelos veículos de comunicação (mídias). Refletiremos, pois, se estas mensagens surtem algum efeito em seus leitores, do ponto de vista ideológico, tendo em mente que no processo comunicativo o remetente ao codificar sua mensagem,

¹ Graduado em Letras pela UNISANTOS – Professor da rede pública de ensino.

a codifica com um objetivo, sobretudo persuasivo. Traçaremos aqui significativas responsabilidades do remetente e apontaremos possíveis influências ideológicas na sociedade ou em grupos isolados da sociedade, geradas por tais mensagens. Por se tratar de meios muito complexos e compostos de elementos bem particulares, escolhemos a Mídia Impressa (Linguagem Escrita) para traçar alguns pressupostos e discutirmos o jornalismo “neuro” e “objetivo” no prisma da Análise do Discurso. Retomando parte do que foi dito acima temos os seguintes propósitos no decorrer destes tópicos:

- Analisar o conceito de discurso, ideologia, linguagem escrita e jornalismo.
- Discutir a idéia de informação objetiva, imparcial, neutra e sem cunho ideológico, que muitos veículos afirmam transmitir, com fins que subjaz persuasão.
- Identificar a ideologia subjacente nos discursos jornalísticos.
- Traçar a responsabilidade do remetente no processo comunicativo.

Utilizaremos para nos embasarmos, bibliografia pertinente ao tema como livros, artigos científicos e algumas matérias de dois jornais impressos distintos, sendo as matérias do mesmo dia e mesmo assunto, com o fim de analisarmos as diferentes abordagens de um mesmo assunto, num mesmo tempo, por autores diferentes.

Mediante esta análise dos discursos jornalísticos em mídia impressa, acreditamos que podemos contribuir, mesmo que singelamente, com mais uma gama de informações sobre a linguagem escrita, para os interessados leitores (destinatários do processo).

1 LINGUAGEM, DISCURSO E IDEOLOGIA.

Antes da análise dos textos jornalísticos, será importante traçar idéias sobre Linguagem, Discurso e Ideologia, pois tais idéias, embora não fechadas a novas análises e definições, nortearão este trabalho e trarão perspectivas concretas sobre o assunto.

1.1 LINGUAGEM

Pode-se considerar o homem como um ser que fala (escreve – grifo novo) e a palavra a senha de entrada para o mundo humano. Para Aranha² a linguagem é um sistema simbólico. O homem é o único animal capaz de criar *símbolos*, isto é, *signos* arbitrários em rela-

² ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Helena Pires Martins. **Filosofando: Introdução à Filosofia.** São Paulo: Moderna, 1986, p. 11.

ção ao objeto que representam e, por isso mesmo, convencionais, ou seja, dependentes de aceitação social. A maioria das palavras não se constitui de uma relação lógica entre o signo e objeto, portanto as relações que as palavras adotam são convencionais, e designar um objeto por uma palavra qualquer é um ato arbitrário. A partir do momento em que não há nenhuma relação entre um signo e um objeto qualquer representado por este signo, necessitamos de uma convenção, aceita pela sociedade, de que dado signo representa dado objeto. É só a partir dessa aceitação que se pode constituir a comunicação, pois quando um indivíduo da comunidade lingüística utilizar uma palavra, seu interlocutor entenderá essa mesma palavra. Porém no utilizar da linguagem, em relação a idéias mais complexas, nem sempre o interlocutor percebe o mesmo objeto e objetivo que pensamos ao codificarmos uma mensagem, isso se dá por diversos outros fatores que não serão tratados aqui.

Na medida em que esse laço entre representação e objeto representado é arbitrário, ele é, necessariamente, uma *construção da razão*. A linguagem, portanto, é produto da razão e só pode existir onde há racionalidade.³

A linguagem é, assim, um dos principais instrumentos na formação do mundo cultural, pois é ela que nos permite transcender a nossa experiência.

Ao pronunciar uma palavra, um objeto é representado, então, de certa forma, não precisamos da existência física das coisas: criamos, através da linguagem, um mundo estável que nos permite lembrar o que já foi e projetar o que será. Assim é instaurada a temporalidade no existir humano. Pela linguagem o homem deixa de reagir somente ao presente, ao imediato; passa a poder pensar o passado e o futuro e, com isso, a construir o seu projeto de vida, diferenciando-se aí, mais uma vez, dos outros animais. Dadas estas considerações sobre a linguagem e orientações quanto a sua importância, vejamos outra afirmativa que nos focará neste trabalho no que diz respeito à uma das funções da linguagem:

A linguagem não é usada somente para veicular informações, isto é, a função referencial denotativa da linguagem não é senão uma entre outras; entre estas ocupa uma posição central a função de comunicar ao ouvinte a posição que falante ocupa de fato ou acha que ocupa na sociedade em que vive. As pessoas falam para serem "ouvidas", às vezes para serem respeitadas e também para exercer uma influência no ambiente em que realizam os atos lingüísticos.⁴

³ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Helena Pires Martins. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1986, p. 11.

⁴ GNERRE, Maurízio. **Linguagem, escrita e poder**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 5.

Já no início de sua obra, Gnerre, apresenta a função referencial da linguagem como algo importante no processo comunicativo, é notório, pois, que quem se comunica, o faz com um determinado propósito — não se fala ou escreve, em são juízo, de forma aleatória e sem nexos. A linguagem é, pois, usada também para veicular informações e é esse aspecto dela que nos interessa aqui. O influenciar também nos é cabido no estudo, sobretudo na escrita e sua utilização dos traços convencionais para comunicar algo com um propósito.

Para Blikstein⁵ há três funções básicas para se escrever bem, ou seja, efetivar o processo comunicativo, tornando a linguagem concreta numa situação lingüística, são: produzir uma resposta, tornar o pensamento comum aos outros e persuadir. Vimos, pois, a perspectiva de linguagem que será abordada aqui — sistema de signos arbitrários sempre utilizados com fins específicos, subjacentes à persuasão. Agora trataremos do discurso.

1.2 DISCURSO

Por meio do discurso — ação verbal dotada de intencionalidade — o homem tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas opiniões. Por isso diz-se que o *ato de argumentar*, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato lingüístico fundamental, pois a *todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia*, na acepção mais ampla do termo.

A neutralidade é apenas um mito: o discurso que apresenta “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia — a da sua própria objetividade.

Filósofos analíticos de Oxford, particularmente Austin, e também Searle, nos EUA, entre outros, dedicaram-se ao estudo dos atos de linguagem — aquilo que se faz quando se fala — postulando a existência de *atos ilocucionários*, que encerram a “força” com que os enunciados são produzidos, e de *atos perlocucionários*, que dizem respeito aos efeitos visados pelo uso da linguagem, entre os quais os de *convencer e de persuadir*.

Perelman — filósofo e jurista — ressalta que a argumentação visa a provocar ou incrementar a “adesão (*aderir [prender-se; tornar-se seguidor]; acordo, consentimento - grifo novo*) dos espíritos” às teses apresentadas ao seu assentimento (*assentir [consentir, dar*

⁵ BLIKSTEIN, Izidoro. **Técnicas de comunicação escrita**. 22. ed. São Paulo: Ática, 2006.

aprovação, permitir]; acordo, aprovação, consentimento), caracterizando-se, portanto, como um ato de persuasão.

O *ato de convencer* se dirige unicamente à razão, através de um raciocínio estritamente lógico e por meio de provas objetivas, sendo, assim, capaz de atingir um “auditório universal”, possuindo caráter puramente demonstrativo e atemporal (as conclusões decorrem naturalmente das premissas, como ocorre no raciocínio matemático).

O *ato de persuadir* procura atingir a vontade, o sentimento do(s) interlocutor(es), mediante argumentos plausíveis ou verossímeis e tem caráter ideológico, subjetivo, temporal, dirigindo-se, pois, a um “auditório particular”.

Convencer conduz a certezas e *persuadir* leva a inferências que podem levar seu auditório — ou parte dele — à *adesão* aos argumentos apresentados.

O discurso, para ser bem estruturado, deve conter, implícitos ou explícitos, todos os elementos necessários à sua compreensão, deve obedecer às condições de *progresso* e *coerências*, para, por si só, produzir comunicação, ou seja, construir um *texto*⁶.

1.3 IDEOLOGIA

Ideologia, em sentido amplo, é o conjunto de idéias, concepções ou opiniões sobre algum ponto sujeito a discussão⁷.

Em *Linguagem e Ideologia*,⁸ Fiorin aborda as idéias da análise do salário de Marx para explicar ideologia, ele argumenta que a realidade se dá em dois níveis, um de essência e um de aparência, ou seja, um profundo e um superficial, um não-visível e um fenomênico. Vejamos essa abordagem:

No nível da aparência, o salário apresenta-se como o pagamento de um trabalho realizado. Nesse nível, a relação de trabalho é uma troca entre indivíduos livres e

⁶ KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. 7 ed. (rev.), São Paulo: Cortez, 2002, p. 17-19.

⁷ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Helena Pires Martins. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1986, p.70.

⁸ FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2001, p. 26.

iguais. Eles são livres, porque não estão sujeitos a outros homens por laços de dependência pessoal, como no modo de produção escravagista, mas podem vender seu trabalho a quem quiserem. São iguais, pois todos são donos de uma mercadoria e, portanto, podem estabelecer uma troca: uns vendem seu trabalho e outros o compram.⁹

Essa foi a abordagem do nível aparente da realidade, no entanto, Fiorin continua argumentando que ao se notar o outro nível da realidade (essência), veremos que não há uma troca igualitária e que o operário não vende seu trabalho, mas sua força de trabalho.

Com efeito, o trabalho é o dispêndio da força de trabalho, o ato de produzir, enquanto a força de trabalho é a capacidade de trabalhar, de produzir. O operário que trabalha oito horas por dia, não recebe, ao final, todo o valor que produziu, mas recebe apenas uma parte dele. Se ele produziu cem e recebe como pagamento apenas vinte, ele não vendeu o seu trabalho, mas sua força de trabalho.¹⁰

Vemos aí, a forma como o capitalismo cria máscaras de sua verdadeira essência, pois se não escondessem a diferença de trabalho e força de trabalho no nível aparente, não haveria seu lucro (capital).

Tal fato nos aponta que, no nível fenomênico, a realidade põe-se invertida. O que no nível profundo são relações de exploração (apropriação do valor gerado por um trabalho não-pago) aparecem como troca; a opressão como igualdade; a sujeição, como liberdade.

As relações que, no nível de superfície, apresentam-se como relações entre indivíduos são, no nível de essência, uma relação entre classes sociais, uma que se apropria do valor produzido pelo trabalho não-pago e outra que vende sua força de trabalho e é espoliada.¹¹

O nível da aparência se dá a perceber de forma imediata para nós. Apresenta-se como a total realidade, o que denota que, no modo de produção capitalista, a aparência é vista como a realidade total.

É a partir do nível fenomênico da realidade que são construídas as idéias dominantes numa dada formação social. Essas idéias são racionalizações que explicam e justificam

⁹ Idem.

¹⁰ Idem, p. 26-27.

¹¹ Idem, p. 27.

a realidade¹². Fiorin ainda explicita mais idéias para manifestar-nos seu conceito de ideologia, muito útil para nós neste trabalho:

*Na sociedade capitalista, a partir do nível aparente, constroem-se os conceitos de individualidade, de liberdade como algo individual etc. Aparecem as idéias desigualdade natural dos homens, uma vez que uns são mais inteligentes ou mais esper-
tos que os outros. Daí se deduz que as desigualdades sociais são naturais. Outras idéias pias, presas às formas fenomênicas da realidade, vão construindo-se: a riqueza é fruto do trabalho (só se omite que é fruto do trabalho dos outros); pobres e ricos sempre vão existir; a pobreza é uma benção, pois a riqueza só traz preocupações (...). Há, porém, outras idéias que ganham estatuto de verdades científicas e, não obstante, estão vinculadas às formas aparentes da realidade. É o caso, por exemplo, das teorias antropológicas segundo as quais havia raças inferiores e superiores e que estas deveriam civilizar aquelas. Essas teorias serviram para justificar o colonialismo.¹³*

A esse conjunto de idéias, a essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens é o que comumente se chama ideologia.

Essa consciência do conceito de ideologia que Fiorin (Linguagem e Ideologia) propõe nos renderá uma visão mais ampla ao falarmos de formação ideológica e formação discursiva, e também quando formos discutir os textos jornalísticos. Para entendermos melhor a realidade e, no caso, os discursos expressos pela realidade, devemos enxergá-la sob os dois aspectos propostos, pois há ciências que estudam, e pessoas escrevem, a realidade tanto de um nível como do outro e de forma consciente da existência desses níveis, por isso ele afirma que não há um conhecimento neutro, pois ele sempre expressa o ponto de vista de uma classe a respeito da realidade e que todo o conhecimento está comprometido com os interesses sociais. Temos então, o seguinte: há tantas visões de mundo numa dada formação social quantas forem as classes sociais e também há visões de mundo presas às formas fenomênicas da realidade e outras que a ultrapassam, indo até a essência.

1.4 AS FORMAÇÕES IDEOLÓGICAS E FORMAÇÕES DISCURSIVAS

Entendendo a linguagem, em seu sentido amplo, como instrumento de comunicação verbal ou não-verbal, observamos que não há idéias fora dos quadros da linguagem e, portanto, a formação ideológica das classes sociais não existe desvinculada da linguagem.

¹² Idem, p. 28.

¹³ Idem, p. 28.

*Uma formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de idéias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo.*¹⁴

Há uma correspondência entre a formação ideológica e a formação discursiva, que é vista por Fiorin, como *um conjunto de temas*¹⁵ e *de figuras*¹⁶ que materializa uma dada visão de mundo. Ao longo do processo de aquisição da língua a formação discursiva é ensinada aos indivíduos da sociedade. Pela formação discursiva adquirida que o ser humano passa a construir seus discursos e reagir lingüisticamente aos acontecimentos. O discurso, então, é visto mais como o lugar da reprodução que o da criação. Do mesmo modo que uma formação ideológica impõe o que pensar, uma formação discursiva determina o que dizer. Temos numa formação social, tantas formações discursivas quantas forem as formações ideológicas. Mediante isso que Fiorin alerta que como o a ideologia dominante é a da classe dominante, o discurso dominante é o da classe dominante.

*As visões de mundo não se desvinculam da linguagem, porque a ideologia vista como algo imanente à realidade é indissociável da linguagem. As idéias e, por conseguinte, os discursos são expressão da vida real. A realidade exprime-se pelos discursos.*¹⁷

O discurso é, portanto, a manifestação da visão de mundo de uma classe social; e o texto, a manifestação do discurso de um indivíduo, por meio de um plano de expressão, tal afirmativa nos elucida quanto ao entendimento de que os textos do terceiro capítulo são representações das visões do “jornal” sobre o assunto em geral.

2 POLÊMICA JORNALÍSTICA - VERDADE, FATO E NOTÍCIA

Verdade e fato podem ser pensados, por alguns, como sinônimos, porém o fato pode se distanciar da verdade, na medida em que o remetente pode construir seus próprios fatos, criando assim outros prismas sobre o real, sendo verdadeiros ou não.

¹⁴ Idem, p. 32.

¹⁵ Em Linguagem e Ideologias Tema é definido como um elemento da semântica discursiva que não corresponde a nenhum elemento do mundo natural, mas antes a categorias que o ordenam. Por exemplo, solidariedade, honra, vulgaridade, exploração.

¹⁶ Em Linguagem e Ideologia Figura é definida como um elemento do plano discursivo que remete a um dado elemento do mundo natural, criando, assim, no discurso, uma ilusão referencial, ou seja, uma simulação do mundo natural (exemplos: lobo, cordeiro, regato)

¹⁷ Idem, p. 33.

Em Linguagem e Comunicação Social¹⁸, Corrêa argumenta que informar é mostrar o “em si” da coisa tratada, e, portanto, é falar com objetividade. Narrar, porém, é construir uma forma artesanal de comunicação, não usando o puro “em si” da coisa, como uma informação ou relatório.

Há, entretanto, uma dicotomia entre narrativa e informação que Corrêa aponta como um risco para os comunicadores, cujo trabalho é a produção de textos, e esses com caráter narrativo e informativo no seu bojo.

*Todo comunicador deve estar atento ao risco de acreditar que o fato existe por si só e se dá à descrição já pronto.*¹⁹

Um exemplo dado para se compreender a questão acerca da construção de fatos, ou seja, a substituição do fato pela opinião sobre o fato é este:

*Não se discute que tenha havido a guerra, mas é justo perguntar se aquela guerra que vimos pela tevê é a mesma vivida pelas pessoas no Golfo. A descrição espetacular feita pela CNN não ocuparia ela mesma o lugar do fato?*²⁰

Ao citar uma afirmativa de Plínio Barreto, Corrêa interpreta esta opinião dele sobre o jornal dessa forma:

*O jornal é uma instituição formadora de opinião. Como tal, porém, seu propósito é legitimar **uma** opinião sobre os fatos, aquela que, na melhor das hipóteses — pois pode coincidir com interesses mais imediatos —, coincide com sua linha editorial.*²¹

Podemos dizer, mediante isso, que o fato, tal como o recebemos enquanto notícia é uma construção.

Concluindo a discussão, deste ponto, Corrêa lembra de uma crítica que Abramo (1991) fez aos verbetes notícia e fatos, apresentados no Manual da redação da Folha de São Paulo, por causa de uma notícia de supostos improdutivos da Universidade de São Paulo. Abramo quis mostrar que todo e qualquer dado sensorial (o que vemos, ouvimos etc.) só pode ser compreendido, isto é, só pode fazer sentido quando interpretado à luz de um arcabouço conceitual.

¹⁸ CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. **Linguagem e comunicação social: visões da lingüística moderna**. São Paulo: Parábola, 2002, p. 75.

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem.

²¹ Idem, p. 75-76.

Notícia. É a informação que se reveste de interesse jornalístico: puro registro dos fatos, sem comentários nem interpretação. A exatidão é seu elemento-chave (apud Abramo, op. cit., p. 33)

Fatos. São a matéria-prima de qualquer tipo de jornalismo. É mais valioso revelá-los do que revelar declarações a respeito deles (ibidem, p. 30)

Na primeira definição, “puro registro” retoma o que foi dito sobre a diferença entre narrativa e informação. Informar é abreviar, mas também é escolher o que vai ser considerado como excesso.

Na segunda definição, Abramo questiona a própria possibilidade de se “revelar” fatos em si, mostrando como o relato de alguém a respeito de um fato pode ser, em certas situações, mais importante do que as circunstâncias empíricas em que o fato se deu.

Na notícia sobre o que o jornal chamou de “os improdutivos”, não se levou em conta a complexidade do fato — por exemplo, saber o que se entendia como produção acadêmica —, e a notícia que se firmou foi a de que aqueles professores nada produziam.²²

2.1 CONSTRUÇÃO INTERNA DO TEXTO

Corrêa cita do Manual da Redação (2001) algumas propriedades do texto jornalístico:

O texto deve ser gramaticalmente correto, mas distenso quanto à sintaxe e ao léxico. Deve-se evitar rebuscamento no uso de palavras e construções, mas é preciso manter a variedade culta, espelhada nos (e também espelho dos) princípios da gramática normativa;

O texto deve ser simples, direto, claro. O comunicador deve, portanto, procurar ser objetivo, tomando este termo como uma recomendação tanto do ponto de vista formal (ir direto ao ponto, sem rodeios ou pretensões estilísticas ornamentais) como do ponto de vista do controle da informação (frear, quanto possível, nas tomadas de decisões subjetivas — tais como: escolher um assunto, redigir um texto, editá-lo —, as influências de suas posições pessoais, hábitos e emoções — cf., a este respeito, Manual da Folha, edição 2001, p. 45, verbete “objetividade”).²³

Após isso fala de outras recomendações, ligadas a gêneros jornalísticos específicos para se chegar a construção interna do texto:

1) Sua organização interna deve levar em conta que o seu leitor precisa ter o fato contextualizado. Portanto, é preciso informá-lo sobre: o quê, como, onde, quando, por quê (lead jornalístico – grifo novo).

²² Idem, p. 77.

²³ Idem, p. 78.

2) *Nessa contextualização, deve-se levar em conta as personagens internas ao fato (sobre quem se fala).*²⁴

O último fator é muito importante do ponto de vista da leitura, por ele comportar um julgamento ético prévio sobre o dever dizer e o dever não dizer.

*A verdade sobre certa pessoa (pensemos em qualquer personalidade representativa, por exemplo) pode estar engajada a um segredo de interesse público. A verdade toma, então, o valor das obrigações jurídicas, que vão desde a obrigação de dizer a verdade até a obrigação de não a divulgar.*²⁵

3 ANÁLISE DOS DISCURSOS

Analisaremos a partir de agora dois textos jornalísticos, um do Jornal A Tribuna e outro do Jornal Expresso Popular, sendo que ambos são de mesma data e abordam um assunto em comum (Tragédia em Santa Catarina), todavia, numa perspectiva diferente. A simples análise de dois textos não prova toda uma teoria, mas aponta para a realidade e existência das possibilidades já citadas sobre o mito da neutralidade, entre outras questões de relação a ideologia no discurso, confirmando assim, que seja qual for o periódico que analisarmos veremos uma dada visão, de uma dada classe social, projetado com um determinado fim. A partir dos discursos jornalísticos, temos a manifestação das formações ideológicas que de certa forma influencia, ou não, o leitor, e portanto, o repórter (remetente) tem uma importante responsabilidade nesse processo comunicativo que vai da ética à clareza no relato de um dado fato, entre outras coisas, pois o fato de ele ter uma ideologia própria, não o obriga a mentir, por exemplo, para modalizar uma notícia, embora infelizmente haja essa possibilidade e ocorra o fato, porém o repórter pode selecionar opiniões e dados possíveis para codificar assim sua notícia, de uma maneira pessoal, sem precisar cometer o crime das inverdades.

Vejamos uma breve história dos periódicos, retiradas de seu próprio site, tendo em mente que ambos fazem parte do Sistema A Tribuna de Comunicação, porém com diferentes, títulos, objetivos e redatores, portanto, ideologias diferentes:

Jornal A Tribuna: Fundado em 26 de março de 1894 por Olímpio Lima, o Jornal A Tribuna está hoje entre os títulos mais antigos dos diários brasileiros. Segundo a ANJ, é o 9º jornal mais antigo do País. Nestes quase 110 anos, o jornal teve três grandes diretores: o jornalista Manuel Nascimento Jr., Guisfredo Santini e o presidente Roberto Mário Santini (1990 - 2007). Circulando em todos os nove municípios da Região Metropolitana da Baixada Santista e em alguns pontos da Capital e Grande São Paulo, A Tribuna é um diário que editorialmente volta-se com grande atenção aos mais diversos acontecimentos que envolvem a comunidade da região, do País e do mundo.

²⁴ Idem, p. 78-79.

²⁵ Idem, p. 79.

Jornal Expresso Popular: O Jornal Expresso Popular, também do Sistema A Tribuna de Comunicação, começou a circular em 2 de abril de 2001, em toda a Baixada Santista.

Desde seu lançamento, o Expresso Popular despertou interesse de grande número de novos leitores. Seu público-alvo são as camadas mais populares da região que, em geral, não tinham acesso a outros veículos impressos de comunicação. Já o seu conteúdo editorial dá especial destaque às áreas de trabalho, emprego, consumidor, culinária, saúde, esporte, além de amplo espaço às reclamações de bairro.²⁶

3.1 TEXTO A TRIBUNA: SANTA CATARINA REGISTRA 100 MORTES

Manchete: CHUVAS. Os temporais e os deslizamentos no estado afetaram mais de 1, 5 milhão de pessoas, segundo a Defesa Civil (A Tribuna, 2008)

DE SÃO PAULO

A Defesa Civil de Santa Catarina já contabiliza 110 mortos na região do Estado atingida pelas chuvas e deslizamentos de terras desde o fim de semana passado, de acordo com o último boletim, divulgado às 9h46. Há 19 pessoas desaparecidas e mais de 1,5 milhão afetadas pela tragédia que castiga cidades no Vale do Itajaí. A Defesa Civil registra 78.707 cidadãos desalojados e desabrigados. As contas bancárias abertas para receberem doações em Santa Catarina em nome do Fundo Estadual de Defesa Civil registravam ontem um saldo de R\$ 3,553 milhões. Deste total, R\$ 800 mil foram doados pelo Banco do Brasil (R\$ 500 mil) e pelo Bradesco (R\$ 300 mil). O restante é de pessoas físicas e jurídicas.

INFRA-ESTRUTURA

O governo de Santa Catarina informou que acima de 90% do sistema elétrico da região do Vale do Itajaí foram restabelecidos, em caráter emergencial, ontem. Os trabalhos para a normalização do fornecimento de energia nas cidades da área de abrangência da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Regional de Blumenau continuam, mesmo com os deslizamentos de terra e lama, que são um problema recorrente na recuperação integral da rede elétrica. Duas rodovias federais, no estado, permaneciam interditadas ontem, segundo informações da Polícia Rodoviária Federal (PRF). A BR-470, que liga os municípios de Gaspar e Blumenau, teve o trânsito interrompido na manhã de ontem, na altura do Km 117. Uma queda de barreira continuava bloqueando o trecho da BR-101, no Km 235, na região de Palhoça. Segundo a PRF, a previsão é a de que a estrada seja liberada hoje.

SAÚDE

Cerca de 40 profissionais da Saúde, oficiais da Força Aérea Brasileira, chegaram ontem à Itajaí (SC), para trabalhar no Hospital de Campanha disponibilizado pelo Ministério da Defesa. A unidade será instalada no cruzamento entre a BR-101 e a Rodovia Jorge Lacerda, junto ao Posto de Combustíveis Santa Rosa, e a previsão é que o atendimento comece amanhã. A estrutura do Hospital de Campanha é composta por enfermeiros, auxiliares de enfermagem, um cirurgião bucomaxilar e mé-

²⁶ Disponível em: <<http://atribunadigital.globo.com/pesquisa.asp?or=pesquisa&opr=441>>. Acesso em: 7 dez. 2008.

dicos com especialização em clínica-geral, cirurgia-geral, ortopedia, ginecologia, anestesista e pediatria. O hospital também está apto a realizar exames de raio X e exames laboratoriais, que são essenciais para o diagnóstico de doenças infecto-contagiosas, como hepatites, leptospirose e febre tifóide. (agências Estado e Globo)

NÚMEROS

*2.842 pessoas estão desabrigadas no Estado do Rio de Janeiro devido às chuvas
10 cidades do Espírito Santo estão em situação de emergência²⁷*

3.1.1 O lead jornalístico (quem, o quê, como, onde, quando, por quê)

Quem: De São Paulo - A Defesa Civil (Órgão Público)/ Infra-estrutura – O Governo de Santa Catarina; Polícia Rodoviária Federal (PRF)/ Saúde – Cerca de 40 profissionais da saúde e oficiais da Força Aérea Brasileira.

O quê: De São Paulo – Defesa Civil contabiliza 110 mortos e registra 78.707 cidadãos desalojados e desabrigados/ Infra-estrutura – Governo dá as informações sobre o sistema elétrico; PRF informa que rodovias federais no estado permaneciam interditadas e dá previsão de liberação/ Saúde – Profissionais da saúde e força aérea chegaram para trabalhar.

Como: De São Paulo – Defesa Civil, mediante boletim, divulga os acontecimentos e também possui conta para arrecadar fundos com o fim de auxiliar os envolvidos nas perdas/ Infra-estrutura – Governo continua trabalho mesmo com empecilho dos deslizamentos de terra e lama; PRF sabe o que bloqueou as rodovias, com isso sabe como neutralizar o problema, de modo que dá um prazo de liberação/ Saúde – O Ministério da Defesa disponibilizou, para os profissionais, um Hospital de Campanha.

Onde: De São Paulo – Defesa Civil de Santa Catarina trabalha pelo vale do Itajaí/ Infra-estrutura – Governo de Santa Catarina divulga estatística do Vale do Itajaí sobre a energia elétrica; PRF informa problemas das rodovias BR-470, que liga os municípios de Gaspar e Blumenau, na altura do Km 117 e BR-101, no Km 235, na região de Palhoça/ Saúde – Ajuda chega à Itajaí (SC) para trabalhar em unidade que será instalada no cruzamento entre a BR - 101 e a Rodovia Jorge Lacerda, junto ao Posto de Combustível Santa Rosa.

²⁷ Jornal A tribuna, 30 de novembro de 2008, página C-2

Quando: De São Paulo – Defesa Civil deu informações no último boletim às 9h46 sobre os mortos etc. na região do Estado atingida pelas chuvas e deslizamentos desde o fim de semana passado. Sobre as contas bancárias para doações, as informações foram prestadas ontem (dia 29/11/2008)/ Infra-estrutura – O restabelecimento emergencial foi feito pelo Governo ontem (29/11/2008); PRF fala das rodovias interditadas ontem (29/11/2008) e prevê liberação destas hoje (30/11/2008)/ Saúde – A equipe de profissionais chegou ontem (29/11/2008) para trabalhar no hospital.

Por quê: De São Paulo – Houve chuvas e deslizamentos que resultaram em mortes, então a Defesa Civil entra em ação/ Infra-estrutura – Devido os deslizamentos de terra e lama ocorre a interrupção de energia elétrica que será resolvido pelo Governo; PRF interrompeu o transito das rodovias devido a barreiras que bloqueavam a pista, por causadas chuvas que produziram deslizamentos/ Saúde – Os especialistas trabalharam no hospital pra tratar os feridos da tragédia e possíveis doenças que surgiriam como resultado das inundações.

3.1.2 Temas e figuras

Temas: De São Paulo – Órgão Público bem informado sobre a catástrofe e pronto para o serviço; Bancos, pessoas físicas e jurídicas com responsabilidade social/ Infra-estrutura – Governo a par da situação e trabalhando mesmo com empecilhos de ordem natural; Preocupação da PRF com a população/ Saúde – Disponibilização do que há de melhor para auxílio da população.

Figuras: De São Paulo – Defesa Civil, Banco do Brasil, Bradesco, pessoas físicas e jurídicas/ Infra-estrutura – Governo e Polícia Rodoviária Federal (PRF)/ Saúde – Profissionais da saúde, sendo: enfermeiros, auxiliares de enfermagem, um médico buco-maxilar e médicos com especialização em clínica-geral, cirurgia-geral, ortopedia, ginecologia, anestesia e pediatria; Força Aérea Brasileira, hospital, exame de raio X, hepatite, leptospirose e febre tifóide.

3.1.3 Opinião direta ou indireta

Já se tem uma tomada de posição, ao se escolher os dados para compor o texto, porém, a questão é se o jornalista deixa claro sua opinião de forma direta ou indireta. Os dados sobre os fatos são apresentados nas três partes do texto (De São Paulo/ Infra-estrutura/ Saúde) de maneira impessoal, porém como dito antes, modalizando um todo opinativo basea-

do somente na utilização da informação dada por indivíduos (podendo entendê-los também como órgãos governamentais). O texto é modalizado com a utilização de informações de autoridades, estatísticas, fotos com a imagem de pessoas trabalhando (ver anexo), tudo isso aponta uma certa posição de aprovação do governo, por este fazer o que lhe é cabido no momento.

3.1.4 Síntese do assunto

O Estado de Santa Catarina sofreu alguns prejuízos devidos chuvas e deslizamentos que a assolaram. Órgãos públicos e privados, além de outros cidadãos, se reuniram para auxiliar a população que sofreu com tal catástrofe e algumas questões já puderam ser amenizadas.

3.1.5 Linguagem e Recursos argumentativos

O repórter (ou o jornal) se utiliza de termos comuns, simples, no decorrer da matéria. Cita muito as informações colhidas, se colocando impessoalmente e tratando com objetividade os dados. Porém, do ponto de vista semiótico, utiliza-se de sutilezas argumentativas ao diagramar os números de pessoas desabrigadas e de cidades em situação de emergência, com fonte maior. Uma foto com pessoas dando apoio, também é usada para ilustrar a situação de envolvimento das equipes no caso. As informações dadas pelas autoridades reforçam a própria autoridade do texto.

3.2 TEXTO EXPRESSO POPULAR: UM VICENTINO NO OLHO DO FURACÃO

Manchete: O Soldador, que já passou enchentes nas palafitas da México 70, se impressionou com o que viu em Itajaí (Expresso Popular, 2008)

ALCIONE HERZOG

Nem para quem já viveu os tormentos das enchentes nas palafitas da México 70, em São Vicente, há parâmetro para comparar o que significaram os últimos dias no vale do Itajaí (SC). Rodrigo Silva Fontes viveu impressionado com a mais recente delas.

O soldador foi transferido pela empresa onde trabalha para Itajaí, em janeiro. Para ele, a pacata cidade garantia qualidade de vida e uma remuneração melhor devido à crescente demanda de trabalho. Mas o mar de rosas virou um mar de tragédias nas últimas semanas.

“Na segunda-feira a situação ficou pior. Vimos no plantão da TV que as coisas iriam piorar naquela noite. A água veio de tal modo que destruiu tudo”.

No sobrado onde mora, Rodrigo só conseguiu salvar a maioria dos pertences porque contou com a ajuda dos vizinhos para o andar superior. “Nunca vi uma coisa dessas. Na minha casa a água chegou a 1,05 metro, mas em vários locais chegou ao telhado das casas. Perdi uma estante e um guarda-roupa”.

A força da correnteza foi o que mais o impressionou. Na noite de sábado para domingo, Rodrigo saiu da casa da namorada com destino à sua casa, em um bairro próximo, e no trajeto fez várias fotos que mostram o tamanho dos estragos causados pela enxurrada. “Pegamos a Contorno Sul, que é a pista mais elevada de Itajaí. Quando atravessamos o rio vimos todas as casas debaixo da água”. O soldador passou também por um terminal de contêineres e flagrou a situação em que a chuva deixou as caixas totalmente desagrupadas. “Na minha empresa, por falta de condições de trabalho, não há expediente por causa da insegurança”.

Se é que é possível dizer isto, Rodrigo chegou a lembrar com saudades dos tempos de maré cheia na Vila Margarida, em São Vicente. “Lá nós víamos quando a maré estava enchendo. Havia tempo para salvar as coisas. Aqui o que mais me assustou foi a falta de previsão, por parte das autoridades, do que poderia acontecer”.²⁸

3.2.1 O lead jornalístico (quem, o quê, como, onde, quando, por quê)

Quem: Rodrigo Silva Fontes, soldador.

O quê: Rodrigo já viveu o tormento das enchentes nas palafitas de México 70, em São Vicente e vive a atual situação das enchentes em Santa Catarina, porém ficou mais impressionado com essa do que com aquela.

Como: O soldador foi transferido pela empresa onde trabalha para Itajaí e agora vive tal situação.

Onde: Viveu em São Vicente e agora está em Itajaí, lugar em que ocorre tal catástrofe.

Quando: Rodrigo conta que vai morar em janeiro em Itajaí, vivendo um mar de rosas, até que começa o desastre e na segunda-feira, anterior a matéria, relata que a situação fica pior (reportagem do dia 30/11/2008). Na noite de sábado para domingo Rodrigo tira várias fotos, após sair da casa de sua namorada.

Por quê: Rodrigo fica impressionado porque o desastre de Santa Catarina tem sido maior que o de São Vicente, e dá depoimento ao jornal mostrando certa indignação com as autoridades, por julgar que houve falta de previsão por parte delas.

3.2.2 Temas e figuras

Temas: Catástrofes em dois lugares, Rodrigo vive, sendo que a de Itajaí é maior, ou seja, o lamento do soldador. Vê-se em meio a uma indiferença das autoridades que para ele não previram o que poderia acontecer.

Figuras: O soldador Rodrigo, água, vizinhos, moveis, telhado, estante, guarda-roupa, fotos, contêineres.

3.2.3 **Opinião direta ou indireta**

A tomada de posição é inevitável, no sentido de que ao selecionar um ou outro elemento para compor o texto, o autor acaba construindo um argumento. A repórter Alcione Herzog usa as opiniões e vivência de um cidadão (Rodrigo) para de forma mais direta tecer certa crítica as autoridades e mostrar a vida dura de um trabalhador.

3.2.4 **Síntese do assunto**

Relato de situações concernentes a Catástrofe de Santa Catarina. Um relato com a citação das afirmações diretas de um entrevistado. A vida do entrevistado é mais exposta que o próprio fato trágico.

3.2.5 **Linguagem e Recursos argumentativos**

A linguagem é clara, simples, mas com a opinião da repórter mais explícita, diz ela:

Se é que é possível dizer isso, Rodrigo chegou a lembrar com saudade dos tempos de maré cheia na Vila Margarida, em São Vicente.²⁹

Os recursos que Herzog usa para criticar sem “opinar” são: a simples citação da opinião de um cidadão que partilha, provavelmente, da mesma visão que ela sobre o fato; crítica de forma mais implícita ao modo de vida que os cidadãos levam, propondo uma “biografia” de Rodrigo; além de utilizar as fotos que o próprio Rodrigo tirou, para confirmar a autoridade do depoimento dele.

Herzog usa uma tragédia de cunho natural (chuvas etc.) para denunciar outra tragédia de caráter político e social.

²⁸ Jornal Expresso Popular, 29/30 de novembro de 2008, página 11

²⁹ Jornal Expresso Popular, 29/30 de novembro de 2008, página 11

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as definições teóricas abordadas neste trabalho se encaminharam para esta breve análise que fizemos das matérias jornalísticas com o fim de mostrar as opiniões de pessoas diferentes sobre um assunto comum, para assim reforçar a idéia já há muito defendida da relação íntima entre formação ideológica e formação discursiva. Mesmo os jornalistas tendo que se submeter a regras e padrões de construção de notícias, suas formações ideológicas serão manifestadas na modalização dos seus discursos. Cada indivíduo abordou a tragédia de Santa Catarina com recursos próprios e fins específicos. A Tribuna enfatizou a presença de órgãos do governo em ação constante para ajudar a população, já o Expresso Popular deu mais atenção não só a tragédia, mas a vida de um cidadão que passou por várias adversidades, além de, possivelmente, partilhar, com a repórter que escreveu a matéria, de uma mesma opinião sobre o fato trágico, concluindo a matéria com uma afirmação que se diferencia de toda a

estrutura da reportagem de A Tribuna: “*Lá (em São Vicente) nós víamos quando a maré estava enchendo. Havia tempo para salvar as coisas. Aqui o que mais me assustou foi a falta de previsão, por parte das autoridades, do que poderia acontecer*”.

O discurso jornalístico é uma arma que deve ser usada com sabedoria lingüística, ideológica e, sobretudo, com ética. No processo comunicativo, o remetente tem uma responsabilidade grande de informar pessoas, sendo qual for sua formação ideológica, ele deve se pautar na verdade, pois é o que levará seu discurso à credibilidade dos interlocutores, além de servir como elemento positivo na construção de uma sociedade harmoniosa. Ao apontarmos essa responsabilidade do remetente, demonstrando que o discurso age no mundo e o mundo no discurso, entendemos que esse trabalho contribuiu para desmistificar mitos lingüísticos que repercutem no plano ideológico e real da vida social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Helena Pires Martins. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1986.
- BLIKSTEIN, Izidoro. **Técnicas de comunicação escrita**. 22. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. **Linguagem e comunicação social: visões da lingüística moderna**. São Paulo: Parábola, 2002.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2001.
- GNERRE, Maurízio. **Linguagem, escrita e poder**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. 7 ed. (rev.), São Paulo: Cortez, 2002.

C-2

Brasil

A TRIBUNA
www.atribuna.com.brDomingo 30
novembro de 2008**CHUVAS.** Os temporais e os deslizamentos no estado afetaram mais de 1,5 milhão de pessoas, segundo a Defesa Civil

Santa Catarina registra 110 mortes

WILSON DIAS/AGÊNCIA BRASIL

WILSON DIAS/AGÊNCIA BRASIL

DE SÃO PAULO

A Defesa Civil de Santa Catarina já contabiliza 110 mortos na região do Estado atingida pelas chuvas e deslizamentos de terras desde o fim de semana passado, de acordo com o último boletim, divulgado às 9h46. Há 19 pessoas desaparecidas e mais de 1,5 milhão afetadas pela tragédia que castiga cidades no Vale do Itajaí.

A Defesa Civil registra 78.707 cidadãos desalojados e desabrigados.

As contas bancárias abertas para receberem doações em Santa Catarina em nome do Fundo Estadual de Defesa Civil registravam ontem um saldo de R\$ 3,553 milhões. Deste total, R\$ 800 mil foram doados pelo Banco do Brasil (R\$ 500 mil) e pelo Bradesco (R\$ 300 mil). O restante é de pessoas físicas e jurídicas.

INFRA-ESTRUTURA

O governo de Santa Catarina informou que acima de 90% do sistema elétrico da região do Vale do Itajaí foram restabe-

Números**2.842****pessoas**

estão desabrigadas no Estado do Rio de Janeiro devido às chuvas

10**cidades**

do Espírito Santo estão em situação de emergência

lecidos, em caráter emergencial, ontem. Os trabalhos para a normalização do fornecimento de energia nas cidades da área de abrangência da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Regional de Blumenau continuam, mesmo com os deslizamentos de terra e lama, que são um problema recorrente na recuperação integral da rede elétrica.

Duas rodovias federais, no estado, permaneciam interditadas ontem, segundo informações da Polícia Rodoviária Federal (PRF). A BR-470, que liga os municípios de Gaspar e Blumenau, teve o trânsito

interrompido na manhã de ontem, na altura do Km 117. Uma queda de barreira continuava bloqueando o trecho da BR-101, no Km 235, na região de Palhoça. Segundo a PRF, a previsão é a de que a estrada seja liberada hoje.

SAÚDE

Cerca de 40 profissionais da Saúde, oficiais da Força Aérea Brasileira, chegaram ontem à Itajaí (SC), para trabalhar no Hospital de Campanha disponibilizado pelo Ministério da Defesa. A unidade será instalada no cruzamento entre a BR-101 e a Rodovia Jorge La-



Equipes de socorro retomam trabalho de resgate de famílias em Ilhota

cerda, junto ao Posto de Combustíveis Santa Rosa, e a previsão é que o atendimento comece amanhã.

A estrutura do Hospital de Campanha é composta por enfermeiros, auxiliares de enfermagem, um cirurgião bucomaxilar e médicos com especialização em clínica-geral, cirur-

gia-geral, ortopedia, ginecologia, anestesista e pediatria. O hospital também está apto a realizar exames de raio X e exames laboratoriais, que são essenciais para o diagnóstico de doenças infecto-contagiosas, como hepatites, leptospirose e febre tifóide. (agências Estado e Globo)

ANEXO B – JORNAL EXPRESSO POPULAR

TRAGÉDIA EM SANTA CATARINA

UM VICENTINO NO OLHO DO FURACÃO

O soldador, que já passou por enchentes nas palafitas da México 70, se impressionou com o que viu em Itajaí

ALCIONEHERZOG

Nem para quem já viveu os tormentos das enchentes nas palafitas da México 70, em São Vicente, há parâmetro para comparar o que significaram os últimos dias no Vale do Itajaí (SC). Rodrigo Silva Fontes viveu as duas situações e ficou impressionado com a maior recente delas.

O soldador foi transferido pela empresa onde trabalha para Itajaí, em janeiro. Para ele, a pacata cidade garante qualidade de vida e uma remuneração melhor devido à crescente demanda de trabalho. Mas o mar de rosas virou um mar de tragédias nas últimas semanas.

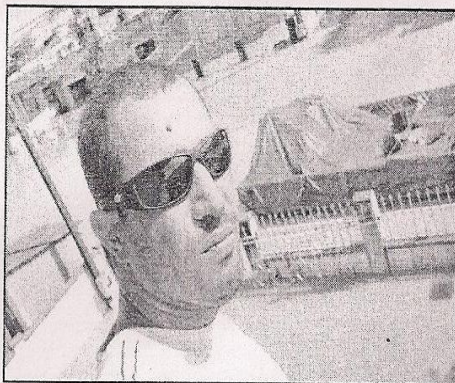
"Na segunda-feira a situação ficou pior. Vimos no plantão da TV que as coisas iriam piorar naquela noite. A água veio de tal modo que destruiu tudo".

No sobrado onde mora, Rodrigo só conseguiu salvar a maioria dos pertences porque contou com a ajuda dos vizinhos para carregar os móveis para o andar superior. "Nunca vi uma coisa dessas. Na minha casa a água chegou a 1,05 metro, mas em vários

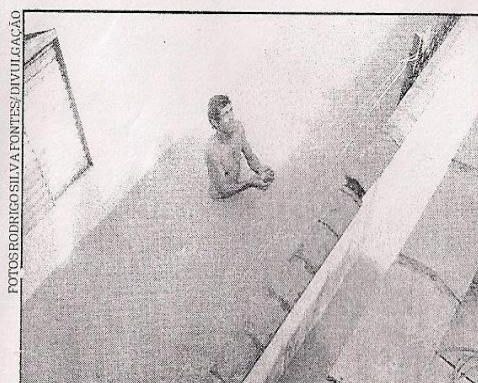
locais chegou ao telhado das casas. Perdi uma estante e um guarda-roupa".

A torção da correnteza foi o que mais o impressionou. Na noite de sábado para domingo, Rodrigo saiu da casa da namorada com destino à sua casa, em um bairro próximo, e no trajeto fez várias fotos que mostram o tamanho dos estragos causados pela enxurrada. "Pegamos a Contorno Sul, que é a pista mais elevada de Itajaí. Quando atravessamos o rio vimos todas as casas de baixo da água". O soldador passou também por um terminal de contêineres e flagrou a situação em que a chuva deixou as caixas totalmente desagrupadas. "Na minha empresa, por falta de condições de trabalho, não há expediente há dias. Está tudo desativado por causa da insegurança".

Se é que é possível dizer isto, Rodrigo chegou a lembrar com saudade dos tempos de maré cheia na Vila Margarida, em São Vicente. "Lá nós víamos quando a maré estava enchendo. Havia tempo para salvar as coisas. Aqui o que mais me assustou foi a falta de previsão, por parte das autoridades, do que poderia acontecer".



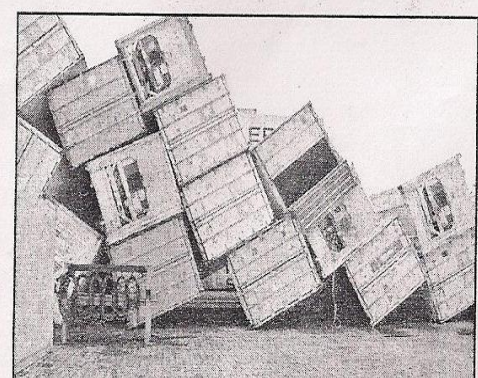
Rodrigo se livrou da maré em SV e hoje enfrenta as águas em Itajaí



No caminho de volta pra casa, ele fotografou momentos da tragédia



A água e a lama invadiram casas e provocaram muitos prejuízos



Ele flagrou um terminal com contêineres totalmente revirados